

CAPÍTULO 10

MÉRTOLA, VILA MUSEU E CAMPO ARQUEOLÓGICO: QUATRO DÉCADAS DE MUSEALIZAÇÃO DE OLHO NA SUSTENTABILIDADE

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcultura10>

Manuelina Maria Duarte Cândido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, OU DE ONDE EU FALO

Mértola é uma vila alentejana pertencente ao distrito de Beja. Sua sede possui, segundo censos recentes, cerca de 1.000 habitantes. Por que essa pequena vila na fronteira de Portugal com a Espanha foi escolhida como tema para o presente texto? Tendo ouvido falar de Mértola ainda durante meus estudos de História no Ceará, por volta de 1994, nestes 25 anos não deixei de acompanhar e admirar o trabalho ali realizado com afincos pela equipe liderada pelo arqueólogo Cláudio Torres. De minha primeira viagem à Europa, em 1997, em que descobri os grandes museus de Paris e Lisboa, quase posso dizer que a estada de alguns dias em Mértola foi o ponto alto, mas não devo ser injusta com tantos outros museus e ecomuseus visitados em Portugal, que marcaram de maneira indelével meu olhar e meus interesses no campo da Museologia. O que é inevitável registrar é que em todas as vezes que pude retornar a Mértola (uma ida entre colegas do curso de Museologia da USP em 2001 foi frustrada por razões de saúde já na saída de Lisboa), em 2006 e em 2019, sempre me surpreendi com novos aspectos e facetas desse processo de musealização que se mostra continuamente rico e dinâmico.

Figura 1- Vista de Mértola a partir da Torre do Castelo



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

Essa dinâmica tem apresentado, na prática, desafios e ajustes que procurarei apresentar aqui por meio de um olhar museológico e estrangeiro, que é diferente do de quem lá habita ou estuda esse caso há muitos anos. Irei, de certa forma, apresentar Mértola, de maneira a dar um contexto e enquadramento das reflexões aqui oferecidas, mas especialmente falar do que aprendi com ela. Esta experiência e os aprendizados são singulares, não coincidindo com impressões de quem vivencia ou vivenciou esse lugar de outras maneiras. Para quem desejar mais profundidade e/ou precisão nos dados e nas análises, recomendo, claro, primeiramente as inúmeras publicações da equipe que produz a partir daquele local e, em seguida, dos estudiosos e especialistas portugueses.

A que equipe ou agentes locais me refiro? Trata-se de Cláudio Torres e de diversos outros pesquisadores que se reuniram pouco a pouco ao seu redor ao longo destas mais de quatro décadas de trabalho. O Campo Arqueológico de Mértola (CAM) é hoje uma associação cultural e científica sem fins lucrativos, mas em sua origem, em 1978, era uma missão científica encabeçada pelo então professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que chegou a essa região juntamente com seus colegas António Borges Coelho e José Luís de Matos por meio de um convite de Serrão Martins, seu aluno e, àquela altura, Presidente da Câmara de Mértola¹.

O potencial arqueológico da área ficou logo evidente sobretudo a partir da identificação dos vestígios islâmicos em profusão. Tudo isso estava excepcionalmente preservado, bem como o casco histórico, devido ao abandono quase completo da região a partir do século XVI. Desde então, Cláudio Torres passou a retornar com alunos todos os anos para dar sequência às escavações. Em 1985, estabeleceu-se definitivamente na vila com esposa e filhas. A Arqueologia está na origem dessa longa jornada, assim como a paixão desse

¹ A Câmara Municipal e o seu Presidente correspondem, no Brasil, à prefeitura e ao prefeito. Para saber mais sobre esse período de início das pesquisas em Mértola, veja <http://www.camertola.pt/>.

pesquisador que continua até hoje, já com oitenta anos e inúmeros prêmios de vulto², a desvelar múltiplas camadas da História de Mértola.

ARQUEOLOGIA E TURISMO SUSTENTÁVEL EM MÉRTOLA

O material arqueológico atesta a presença, nesse território, de diversas populações desde a Idade do Ferro, passando por fenícios, cartagineses, romanos, visigodos, árabes e cristãos. A implantação privilegiada às margens do rio Guadiana, via de intenso fluxo comercial em muitas épocas, fez dali um porto estratégico que esteve na base de distintas ocupações urbanas: a *Myrtilis Julia* romana (sec. I a.C.), a *Martulah* islâmica (auge nos séculos XI e XII de nossa Era), e a Mértola cristã.

Em comum entre Cláudio Torres, Serrão Martins³ e outros agentes desses primórdios da pesquisa em Mértola, alguns ideais e utopias dos que resistiram ou se exilaram durante a ditadura de Salazar⁴. Após a Revolução de 25 de abril de 1974, um dos motores a impulsionar esta e outras iniciativas voltadas para o patrimônio de pequenas localidades era a ideia de resistir à tendência, estimulada na ditadura, de centralização política e econômica. Tal política foi responsável pela acentuada migração para a capital e pelo abandono das zonas

2 Recebeu o Prêmio Pessoa, em 1991, e a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 1993. Em 2001, a Universidade de Évora lhe atribuiu o título de Doutor *Honoris Causa*.

3 Primeiro Presidente da Câmara Municipal de Mértola democraticamente eleito após a ditadura.

4 “[...] todos ellos eran conscientes de que la investigación arqueológica que iban a iniciar sólo se justificaba si era entendida como una fuente de desarrollo cultural y social para la comunidad local. Esta consciencia nacía del clima idealista que presidía la vida política y académica de los años que siguieron a la Revolución de los Claveles de abril de 1974. Ese clima estimuló las más diversas utopías y, en el caso de Mértola, sedujo a muchos jóvenes para un proyecto en el que la investigación arqueológica tiene una utilidad inmediata y evidente para la comunidad en la que se desarrolla. Aunque muchas de las personas que participan en el proyecto viniesen (viniésemos) de fuera de Mértola, el proyecto integró, desde el inicio, tanto a estudiantes universitarios de origen diverso como a jóvenes de la región, y se desarrolló en y desde Mértola, con una clara consciencia de la importancia del factor local para su consolidación” (GOMÉZ MARTÍNEZ, 2016, p. 271).

rurais. Isso ocorreu especialmente na região do Alentejo, árida e “menos desenvolvida” que o norte do País, que passou por um processo de esvaziamento.

Mértola, que historicamente foi privilegiada por se encontrar próximo a importantes vias de transporte marítimo-fluvial, sentiu o impacto, no século XX, de sua substituição pelo transporte rodoviário (GOMÉZ MARTÍNEZ, 2016). Chegou a quase ser despovoada e ainda havia a pressão especulativa do ramo da mineração interessado em desapropriar terrenos com vistas à exploração. Serrão Martins foi um dos primeiros a perceber a gestão dos recursos patrimoniais locais como uma alternativa para outro modelo de desenvolvimento. Seu projeto, para o qual conseguiu atrair Torres, opunha-se àquele caminho propondo uma opção pelo desenvolvimento sustentável, menos imediatista, com base na preservação e valorização do patrimônio, que é tomado como recurso.

Na génese deste recomeço esteve a consciencialização relativa à importância do seu património arqueológico, histórico e natural e, também, o envolvimento dos agentes locais e da população no que se entendia ser uma das principais vias para um desenvolvimento com evidentes repercussões na melhoria das condições de vida de todos. (RAFAEL, 2019, p. 262).

Essas propostas não se estabelecem sem obstinação e paciência, de um lado, desconfiança e resistência, de outro. Um diálogo continuado e bem fundamentado precisa ser estabelecido⁵. Os apelos contrários podem ser sem-

5 Em texto conjunto, Susana Gomes Martínez, Lígia Rafael e Cláudio Torres destacam o potencial empregatício da valorização do patrimônio pelo qual Mértola tem passado: “As distintas áreas de trabalho relacionadas ao patrimônio constituem uma nova oportunidade de emprego para os jovens que podem permanecer na sua terra, trabalhando em atividades distintas das tradicionais (agropecuária, construção e comércio). O emprego nas áreas da conservação e restauração, investigação histórica, artística, etnográfica e arqueológica, a animação turística, a hotelaria e a restauração ou as atividades artísticas, áreas inexistentes há apenas 30 anos, ou em eminente extinção como no caso das atividades artesanais, é atualmente uma perspectiva para o futuro” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 73). Além disso, alertam para o

pre mais sedutores e a equipe não se nega a reconhecer os conflitos inerentes ao “[...] delicado equilíbrio de forças entre os recursos patrimoniais e a frágil economia local” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 60).

Cláudio Torres reconhece como “ponto de viragem” “[...] o reconhecimento externo, quando os mertolenses verificaram que o trabalho lento e minucioso de arqueólogos e museólogos era considerado e elogiado no exterior” (TORRES, 2016a, p. 21). Até hoje, o arqueólogo vê com preocupação o modelo econômico que impede que as pessoas permaneçam em suas vilas de origem:

A nossa escola, a educação, não o permite. A escola obriga a partir para a cidade. A cidade é o modelo de desenvolvimento, o progresso. O que a criança aprende na escola é a andar nas ruas de Lisboa. E o processo é ainda mais dramático porque começa a odiar a família, os pais, os analfabetos. (TORRES *apud* COELHO, 2012, n.p.).

E também se opõe ao mercado do turismo de massas, que considera selvagem, procurando propor como alternativa um turismo de base cultural e rural que devolva à comunidade e às instituições locais o benefício do seu esforço em investir e em preservar o patrimônio. “Neste contexto, o Projecto de Museologia Local de Mértola insere-se numa filosofia de intervenção que visa, antes de tudo, projectar a recuperação social e patrimonial do centro histórico, conhecido por Vila Velha” (TORRES, s.d., n.p.).

fato de que “O desenvolvimento de atividades científicas, tecnológicas e formativas em Mértola significa já uma contribuição considerável para a economia local. Por um lado, um grupo considerável de pessoas que reside no município desenvolve atividades científicas e técnicas que, tradicionalmente, eram centralizadas nas grandes cidades, e que canalizam para um meio rural, recursos que antes iriam para as grandes urbes” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 73).

Não por acaso foi inspirado na experiência de Mértola que surgiu em Castro Verde, também Alentejo, o Museu da Ruralidade. Esse museu de território, entretanto, define-se pelo interesse particular sobre o século XX.

Entre as especificidades da experiência precursora, é preciso destacar que:

[...] os seus objetivos não eram muito diferentes daquilo que começa hoje a ser uma filosofia muito difundida em amplos setores da arqueologia: envolvimento da população com o objetivo de consolidar a sua identidade e contribuir para o desenvolvimento local. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 56).

Desde o início, tratou-se de um projeto científico e político, de cunho multidisciplinar, identificado com o que se chamaria hoje de Arqueologia Pública. Nesse sentido, o diálogo entre passado e presente, patrimônio, território e suas gentes, fez-se valer de maneira seminal nessa experiência.

Palácios e castelos, antes olhados apenas como símbolos de decrépitos poderes senhoriais, podem ser hoje elementos singulares da paisagem, pólos positivos de agregação e identificação local ou regional. Ruínas, espaços e mesmo o timbre ritmado do efêmero lúdico, em perigo de sobrevivência. Servem muitas vezes de bandeira na resistência a uma aparentemente inevitável banalização cultural. [...] Este é hoje o património mais ameaçado do mundo rural porque o seu gestor, o camponês, está em vias de extinção. Os saberes da terra, os trilhos antigos, as nascentes da melhor água, os marcos limite dos maninhos, os melhores pastos para as abelhas e para o gado, era ele a conhecê-los como ninguém, era ele o detentor da memória colectiva. Só ele podia passar o testemunho. (TORRES, 2016b, p. 07-08).

A estrutura organizacional adotada foi inicialmente a Associação para a Defesa do Patrimônio de Mértola (ADPM), depois dividida em duas entidades: “[...] o Campo Arqueológico de Mértola (CAM), centrado nas temáticas em torno da história e da arqueologia, e a ADPM mais focada nas questões relacionadas aos recursos naturais, o patrimônio rural e etnográfico, e o desenvolvimento sustentável” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 59). Desde 2004, o Museu é integrado institucionalmente à Câmara Municipal de Mértola. O Campo Arqueológico de Mértola é o responsável técnico-científico, tendo à frente a arqueóloga Susana Gómez Martínez.

A CENTRALIDADE DO PROJETO MUSEOLÓGICO NA GESTÃO DO PATRIMÔNIO EM MÉRTOLA

A consciência da ineficácia de realizar somente a pesquisa sem estratégias de valorização e extroversão do patrimônio fez com que, mesmo sem intencionalidade inicial, a experiência fosse conduzida dentro do que chamei aqui de processo de musealização⁶: “Desde o início que se procurou desenvolver uma estratégia equilibrada de gestão patrimonial baseada no equilíbrio

6 O processo de musealização ocorre a partir de uma seleção e atribuição de sentidos feita dentro de um universo patrimonial amplo, resultando em um recorte formado por um conjunto de indicadores da memória ou referências patrimoniais tangíveis ou intangíveis, naturais ou artificiais, indistintamente. A preservação é tomada, aqui, como equivalente a processo de musealização, e é realizada pela aplicação da cadeia operatória museológica, formada por procedimentos técnico-científicos de salvaguarda e de comunicação patrimoniais em equilíbrio. Representando tanto a responsabilidade pela herança constituída para o futuro, como a comunicação permanente e processual, essa cadeia operatória é necessariamente inserida em um contexto de planejamento e avaliação, ou seja, é contínua, não uma linha de operação: cada estágio de avaliação realimenta o planejamento. A preservação, ou processo de musealização, abrange desde a seleção das referências patrimoniais à devolução para a sociedade, que por sua vez produz novos bens patrimoniais e interfere em novas seleções e atribuições de sentido, em modo contínuo.

de quatro pilares fundamentais: o estudo, a salvaguarda, a valorização e a divulgação” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 59).

A opção pela musealização em paralelo à publicação dos resultados de pesquisa em revistas científicas é assim justificada:

[...] a musealização ou divulgação local, em linguagem acessível e pedagógica, é a única forma convincente de justificar localmente os trabalhos em curso, capaz de identificar as mais fortes referências culturais e, por conseguinte, dinamizar potenciais endógenos. Na dinâmica museográfica não só se difundem os resultados de uma forma mais eficiente pelo público em geral, sobretudo o local, como se torna possível atrair visitantes, desde que a oferta seja devidamente divulgada. Assim se constituiu Mértola como um destino de turismo cultural de importância nacional e, até, internacional. (TORRES, 2016a, p. 22-23).

A equipe, entretanto, é unânime em afirmar que a necessidade de teorização surgiu só depois e que o ponto de partida foram as práticas da gestão patrimonial. Não foi, portanto, uma tomada de posição por uma Nova Museologia que determinou a escolha de um modelo que lhe é caro: o museu de território com características próximas dos ecomuseus, preservando de maneira integrada população, território e as diferentes vertentes patrimoniais ali produzidas. O que influenciou o modelo a que hoje podemos atribuir características de uma Museologia comunitária foi certamente o fato de Cláudio Torres ter para ali se mudado com a família e mais tarde outros agentes terem sido também atraídos pelo local não só em uma perspectiva de impulsionar a carreira, mas de construir e partilhar a vida do local.

7 É inevitável traçar paralelos entre esses pilares e as funções do museu preconizadas pelo Conselho Internacional de Museus em sua definição vigente: “[...] o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (ICOM, 2007 *apud* DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64).

“O objetivo sempre foi o de integrar o conhecimento histórico-arqueológico em um âmbito mais vasto, relacionando-o com as gentes, com a envolvente paisagística e com a dimensão cultural” (RAFAEL, 2019, p. 263) O reconhecimento do casco histórico de Mértola como elemento fundamental a ser preservado, para além de artefatos arqueológicos passíveis de coleta e musealização, colocou o desafio de como manter esse local vivo, apesar de ser pouco viável economicamente ou mesmo para fins residenciais (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 61). A criação dos diversos núcleos museológicos não foi decidida de uma só vez, mas pouco a pouco, em um processo que continua a acontecer, e de acordo com diferentes razões:

Muchos de los núcleos existentes surgen de la necesidad de realizar intervenciones arqueológicas preventivas que, cuando reúnen las condiciones necesarias, son objeto de musealización. En algunos casos, este proceso conlleva complicadas negociaciones y concesiones de unos y de otros, que han llevado, en la mayor parte de los casos, a la modificación de los proyectos de construcción iniciales para incorporar espacios expositivos o para integrar vestigios arqueológicos dentro del proyecto arquitectónico. En otros casos, la opción es la de crear un museo de sitio, erigiendo un edificio que albergue los restos conservados o estructuras más o menos amovibles que los protejan.

En otras ocasiones se trata de musealizar colecciones de objetos separados de su localización original o de su lugar de hallazgo. En ellos se intenta aliar continente y contenido, buscando espacios que tengan o hayan tenido un uso relacionado con la colección. Cuando no se dispone de espacios con estas características, la opción es revitalizar edificios abandonados o degradados del centro histórico, dándoles un uso que permita su mantención y que los dignifique. (GOMÉZ MARTÍNEZ, 2016, p. 273).

A equipe descreve esses núcleos como possuidores de uma expo-
grafia muito simples e que pouco recorre a soluções multimídia, evitadas de-
liberadamente devido aos custos e às dificuldades de manutenção e ao fato
de rapidamente se tornarem obsoletas. As soluções expográficas são então
bastante intuitivas e apostam na simplicidade, tentando chegar facilmente ao
grande público. Mas também há a produção de catálogos e outros materiais
para públicos mais exigentes.

A preservação integrada das diferentes vertentes patrimoniais com
vistas ao fomento do turismo cultural e sua implicação no desenvolvimento sus-
tentável foi uma das chaves propostas desde o início do projeto. Para os autores,

[...] tão importantes como os achados arqueológicos
que enchem os expositores, são as ruas, a organização
dos espaços públicos, a estruturação e usufruto das fachadas, volumes arquitetônicos, materiais e técnicas de
construção, assim como uma sustentada requalificação
habitacional. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES,
2016, p. 61-62).

Não há, entretanto, uma identidade visual homogênea entre os dife-
rentes núcleos, o que a equipe reconhece ser um dificultador do entendimen-
to do conjunto. Nisso que os próprios autores chamam de *puzzle*, a Mértola
Vila Museu, processo sempre dinâmico e inacabado, o que dá unidade é um
conjunto de materiais como folheteria, sítio *internet*, placas identificadoras e
mapas com itinerários que permitem ao visitante descobrir esse rico território
e suas referências patrimoniais.

Em 2010, de forma a diversificar a oferta para os visitantes, foram
criadas seis rotas temáticas, a saber: Centro Histórico, Museu de Mértola,
Período Romano e Antiguidade Tardia, Período Islâmico I, Período Islâmico
II e Mina de São Domingo. Cada uma delas indica um ou mais tipos de perfil
de público adequado (MARTÍN PORTUGUÉS, 2018, p. 58). Para além dessa
oferta ao turismo há sempre um cuidado especial quanto à comunidade local,

como verificamos na análise de Martín Portugués a respeito do horário de funcionamento dos núcleos museológicos:

Si consultamos el horario, parece adecuado al turista. No obstante, en nuestras entrevistas realizadas, se nos confirmó que, con el ánimo de atraer al museo a los residentes, las actividades culturales extras, se suelen ofrecer en horario extralaboral o durante los fines de semana, como por ejemplo, los conciertos e interpretaciones teatrales, o las rutas nocturnas guiadas por el Conjunto Histórico. (MARTÍN PORTUGUÉS, 2018, p. 63).

Da mesma forma, em que pesem as diversas mudanças de políticas de tarifas de ingresso nos núcleos museológicos também analisadas pela autora, ela afirma que sempre houve um sistema de gratuidade para os residentes de Mértola.

UM MUSEU DE TERRITÓRIO? UM ECOMUSEU? UMA EXPERIÊNCIA SEM AMARRAS

Segundo George Henri Rivière, um ecomuseu funciona como um espelho onde uma comunidade se percebe e projeta sua imagem para as demais. Além disso, tudo nele é apresentado em função do homem: seu meio ambiente, suas crenças, suas atividades da mais simples à mais complexa (RIVIÈRE *apud* DESVALLÉES, 1992, p. 26). Esses novos modelos museológicos começaram a se constituir pelas mãos do próprio GHR, tendo como uma das inspirações os museus etnográficos ao ar livre surgidos no século XIX na Escandinávia. Eles se caracterizam, segundo Meijer-Van Mensch e Van Mensch (2010), pela ruptura com a especialização disciplinar e passagem à especialização geográfica: são inicialmente museus locais, que na Alemanha se configuram em um termo ligado ao sentimento de pertencimento a um local, o *Heimatmuseum*. Mais

tarde, outras experiências buscaram essa conexão com o território, como os museus de vizinhança. Nos ecomuseus há também uma quebra de paradigmas na qual a coleção não é mais necessariamente o motor do processo de musealização, mas um campo de relações: entre pessoas, seu patrimônio e seu meio ambiente (território) e, em especial, a qualificação dessas relações em proveito do desenvolvimento da sociedade.

Para Andréa Vial (2015, p. 8) os ecomuseu,

[...] são um instrumento de gestão do patrimônio integrado que só se realiza de fato, ao ser apropriado por movimentos sociais previamente organizados que veem na identificação e gestão do patrimônio um instrumento a mais de ação política, de reforço de identidades e de luta.

Assim é que olhando de hoje para trás podemos facilmente pensar Mértola como um ecomuseu, mas não houve, segundo a equipe, uma escolha deliberada, desde o início, por esses referenciais teóricos da Museologia para sua implantação. O que havia era a certeza de que o caminho não seria criar um grande museu centralizador de todos os recursos patrimoniais, mas vários pequenos museus que foram surgindo pouco a pouco, sempre que possível no local mais próximo das descobertas arqueológicas em questão:

Em Mértola nunca houve a intenção de criar um grande Museu. A estratégia de divulgação, baseada na polinuclearização, permite que objetos e estruturas arqueológicas dialoguem com o público através duma museografia cuidada e adaptada a cada situação. (RAFAEL, 2018, p. 153).

A opção pelo modelo polinucleado faz referência a uma combinação entre gestão do patrimônio e reabilitação urbana, dando o tom processual que nos faz perceber que esse museu nunca está pronto, é criado e recriado na

dinâmica das pesquisas políticas e do cotidiano. É o que chamamos anteriormente de processo de musealização, e que vai se estendendo no tempo e no espaço de Mértola ao longo destas mais de quatro décadas. Se a teorização não foi o motor inicial podemos, entretanto, perceber uma estratégia consciente: a polinuclearização leva o turista a aumentar o tempo de sua visita, gerando um sentido de descoberta e de variação de circuitos que beneficia a economia ligada a alojamentos e à alimentação.

O primeiro núcleo museológico foi criado em 1988, mas vale ressaltar que em Mértola o Museu é a própria vila (RAFAEL, 2018). Esse primeiro núcleo, a Casa Romana, encontra-se no subsolo do edifício da Câmara Municipal, sede do poder local. Ali se podem ver musealizadas as estruturas da casa e diversos artefatos datados entre os séculos II e IV da nossa Era.

Figura 2 - Casa Romana, no subsolo da Câmara Municipal de Mértola. Foi o primeiro núcleo a ser musealizado, ainda na década de 1980



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

A vinculação entre passado e presente é marcante. A musealização não implica o uso exclusivo do espaço ligado ao patrimônio e ao turismo, mas a inserção na dinâmica da Vila. Um caso emblemático foi a descoberta, na

década de 1990, de ruínas de uma antiga Ermida do século XVI e de uma necrópole romana (séculos I a VIII d.C.) na área de ampliação de uma escola. As escavações arqueológicas não só conviveram com o funcionamento da escola, como a musealização foi integrada como exercício pedagógico para os alunos de cursos profissionalizantes ligados à museografia e à gestão do património.

O núcleo da Oficina de Tecelagem realça as permanências culturais ao abrigar a Cooperativa de Tecelagem e proporcionar o contato do visitante com as tecelãs. Elas são, a um só tempo, artesãs, detentoras do saber-fazer e mediadoras desse património. Elas fazem demonstrações e param seus afazeres para dialogar com os turistas, mas não estão ali como atrizes realizando performances artificiais, são mulheres que vivem desses saberes tradicionais cuja inserção no projeto inclui remuneração da Câmara para complementar a renda, exatamente em virtude da tarefa adicional de mediação e da queda na produção devido a essa dupla atuação. Nesse núcleo, pode-se ver torres de roca em osso, utensílios da fição artesanal do século XI encontrados nas escavações arqueológicas, os artefatos e as agentes ligados à produção tecelã contemporânea, e adquirir os produtos da Cooperativa de Tecelagem.

Figura 3- Núcleo Oficina de Tecelagem



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

Figura 4- Núcleo Oficina de Tecelagem



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

Hoje há 14 núcleos museológicos, mas sempre há um em projeto⁸, e a ideia acalentada agora é de criar um núcleo de Memória dos Sabores do Mediterrâneo que realce a culinária local, mas que seja também, como em quase todos os núcleos já existentes, um espaço de vivência e experimentação, no caso, de degustação. O Museu de Mértola é tutelado pela Câmara Municipal e gerido em parceria com o CAM (RAFAEL; PALMA, 2016) e também em “[...] colaboração com outras instituições locais, nacionais e internacionais” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 61). Os núcleos se encontram na Vila e também em outras localidades do Concelho (Mosteiro, Mina de S. Domingos e Alcaria dos Javazes), recebendo, em vários deles, mais de 40 mil⁹ visitantes por ano, 52% deles estrangeiros.

8 Documentos mais recentes já chegam a mencionar 16 (TORRES, s.d.; MARTÍN PORTUGUÉS, 2018).

9 “O número apresentado como total de visitantes do Museu de Mértola reporta sempre ao núcleo mais visitado e não ao somatório das entradas em todos os núcleos. De qualquer forma, e tendo presente que há indivíduos que visitam mais que um, ou todos os locais do

MUSEU, TURISMO E SUSTENTABILIDADE: DIVERSIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS EM TORNO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

O Museu é visto como “[...] elemento agregador desta estratégia, que aposta no turismo cultural como motor dinâmico, que potencia o empreendedorismo e a criação de emprego e riqueza” (RAFAEL, 2018, p. 153).

Cláudio Torres (s.d., n.p.) adverte:

Aqui chegados, encontramos-nos agora num ponto de viragem: os recursos, incluindo os turísticos, têm de ser planeados e geridos, sob pena de não serem devidamente acautelados. É necessário definir objectivos e estratégias. E estes parecem apontar para uma melhor gestão das visitas acompanhadas organizando mais circuitos temáticos para crianças, adolescentes e idosos, diversificando a oferta, nomeadamente para a vertente do turismo etno e antropológico e de natureza.

Para além destes aspectos estamos agora empenhados em melhorar a qualidade do serviço prestado dando formação aos que mais directamente trabalham com o visitante, envolver a população de uma forma mais participada na actividade turística e, sobretudo, que o planeamento, para além de permitir uma melhor operacionalidade, reduza ao mínimo os impactos negativos. Estamos conscientes que a qualidade do factor turístico está directamente relacionada com a qualidade do serviço, com a informação disponibilizada e, também, com a qualidade da animação existente.

Todos estes aspectos, devidamente estruturados e interligados, podem ser um obstáculo ao crescimento desre-

circuito, é também interessante dar a conhecer o número total, tendo como base a soma de todos os núcleos, o que se traduz em 130.011 entradas no ano de 2017, mais 19.131 que no ano anterior” (RAFAEL, 2018, p. 154).

grado e incontrolado que, mais tarde ou mais cedo, pode levar à agonia e morte por massificação dos destinos turísticos mais procurados.

Entre as estratégias de comunicação para além da preparação dos núcleos museológicos estão o amplo programa editorial do CAM, que já chega a mais de 20 títulos, entre eles a revista “Arqueologia Medieval”, anais dos inúmeros eventos científicos e catálogos, e também um programa de Educação Patrimonial, que inclui a elaboração de maletas pedagógicas e de outros recursos didáticos. Nessa linha são realizadas ainda campanhas de escavação arqueológica abertas à participação de voluntários entre 16 e 30 anos, um projeto denominado “Arqueologia para Todos”¹⁰.

São também elaboradas exposições temporárias e itinerantes, inclusive para o Museu Nacional de Arqueologia e para museus fora do país, com seus catálogos correspondentes. Desde 2001, é ainda organizado, a cada dois anos, o Festival Islâmico de Mértola¹¹, uma atração a mais, que como todos os elementos sazonais precisa ser gerido de maneira equilibrada para não gerar sobrecarga na capacidade da Vila em um momento e esvaziamento em outros. Em quatro dias de atividades, Mértola chega a receber 40 mil visitantes. Os agentes locais, que são ao mesmo tempo investigadores, partícipes e observadores críticos do processo, avaliam-no com preocupação:

O fenômeno dos festivais temáticos tem crescido exponencialmente em Portugal, dando lugar a uma grande banalização destes eventos. No caso de Mértola, mantém-se alguma originalidade, privilegiando a autenticidade (trazendo, por exemplo, comerciantes do Norte da África para o *souk*, e grupos etnográficos em vez de empresas de figurantes profissionais) e as atividades culturais e científicas de nível internacional. Relativamente a este Festival, urge avaliar as questões relacionadas à capacidade de

10 A idade mínima de 16 anos é flexibilizada no caso de residentes.

11 Para saber mais, visite <https://www.festivalislamicodemertola.com/>.

carga de Mértola e a estratégia relativa à atratividade do Festival, uma vez que se verifica que, devido ao elevado número de visitantes, desvaloriza-se a qualidade dos serviços oferecidos, o que tem repercussões na imagem que se pretende transmitir de Mértola Vila Museu. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 76).

Algo que evidentemente diferencia Mértola de outras pequenas vilas distantes dos grandes centros urbanos é a capacidade de atrair pessoal qualificado e de formar e profissionalizar agentes locais:

Em Mértola, são ministrados cursos em diversas etapas de formação. Há mais de 20 anos, a Escola Profissional de Mértola (denominada Bento de Jesus Caraça nos primeiros anos e ALSUD na atualidade) forma técnicos especializados em diferentes áreas ligadas ao patrimônio (assistentes de arqueólogo, técnicos de patrimônio edificado, técnicos de turismo rural, etc.). O Campo Arqueológico de Mértola leciona cursos livres em diversas áreas e, em parceria com várias universidades (Algarve, Évora, Lisboa e Coimbra), são ministradas pós-graduações, que atraem estudantes de outras regiões e mesmo de outros países. São muitos os jovens que escolhem Mértola para fazer os seus estágios e trabalhos de investigação ou, simplesmente, consultar a bibliografia existente na Biblioteca do CAM. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 74).

Lígia Rafael, em seu balanço da experiência, alerta, entretanto, que esses atrativos e o crescimento da visitação de turistas¹² não correspondem

12 “Um indicador extraordinariamente significativo da evolução da tendência do turismo é o número de camas disponíveis em Mértola. Há vinte anos, só havia três quartos com casa de banho privativa em todo o Concelho. Hoje há mais de 100 quartos na vila e outros tantos nas pequenas aldeias do Concelho e, em muitas épocas do ano, não há camas livres” (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 75).

ainda a um incremento da permanência das pessoas do lugar, e que Mértola segue a tendência de envelhecimento da população, despovoamento e desinvestimento no território, colocando a médio prazo o enorme desafio de reverter o processo de abandono. O maior afluxo turístico não reverte em fixação da população, como seria desejado (RAFAEL, 2018, p. 156). O que é perceptível é uma desaceleração do despovoamento, mas não seu fim (GOMÉZ MARTÍNEZ, 2016). Esse é um aspecto a inquietar os investigadores e agentes locais:

Mértola sofre el “mal endémico” de los conjuntos históricos mediterráneos que es la desertización, aunque según fuentes del CAM y de la *Câmara*, este proceso se ha frenado, y va disminuyendo, muy poco a poco, el número de casas vacías. Para paliar el problema, la *Câmara* tiene varias acciones como es la Línea de Apoyo para la Rehabilitación de construcciones del Conjunto Histórico, que cuenta con varios subprogramas, como, por ejemplo; la recuperación de edificios históricos para albergar servicios municipales; o, la recuperación del núcleo histórico para vivienda social y creación de un centro de apoyo para residencias creativas. (MARTÍN PORTUGUÉS, 2018, p. 56-57).

A par desse desafio, uma outra proposta vem sendo embalada: “Mértola integra desde 2016 a Lista Indicativa Nacional do Patrimônio Mundial da UNESCO, candidatura promovida pela Câmara Municipal de Mértola, que se encontra em fase de estruturação e desenvolvimento” (RAFAEL, 2019, p. 272).

UM OLHAR EXTERNO SOBRE O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO

Como já mencionei anteriormente, pude realizar três visitas a Mértola ao longo de três décadas, cerca de uma semana cada. Um fator muito

importante para a compreensão desse modelo de museu é observar o processo, inclusive com seus altos e baixos, avanços e recuos. Nessas três idas, é certo que eu também me transformei e meu olhar mudou. O presente relato pode estar enviesado pela memória, mas traz alguns aspectos e impressões que penso ainda justificarem seu registro.

Em 1997, recém-graduada em História, estudante, vinte e poucos anos, primeira viagem à Europa, toda uma descoberta de tipos de museus que eu apenas começava a encontrar na teoria e podia experimentar *in situ*. O Campo Arqueológico de Mértola era bem integrado com a gestão municipal que “vendia” Mértola como Vila-Museu. A infraestrutura para o turismo, entretanto, era quase nula e não somente por isso, mas também pela minha condição, buscando minimizar os custos da viagem, fiquei hospedada em um alojamento para estudantes dentro do próprio Campo Arqueológico, ao lado do Castelo. Era dezembro de 1997, inverno forte para uma nordestina, e lembro-me de que cheguei na quinta-feira à noite, não sabia ligar nem a água quente do chuveiro, precisei de ajuda dos estudantes que passavam temporada mais longa lá. Na sexta, reencontrei cada um deles em seu posto, mas à noite todos voltaram para suas cidades e fiquei sozinha no alojamento sem saber acender a lareira para aquecer o ambiente.

Aspectos prosaicos à parte, tive a grande oportunidade de conhecer alguns núcleos museológicos como o de Arte Sacra, com o próprio Cláudio Torres, que vistoriava lugares atingidos por enchentes recentes. Também tive acompanhamento e explicações em vários momentos de visita pela arqueóloga Susana Gómez, ao que eu entendo, chegada há pouco tempo da Espanha. Fiquei muito impressionada com núcleos como a Casa Romana e a Basílica Paleocristã, e a relação de proximidade entre esses espaços musealizados e a vida cotidiana: a Câmara Municipal e a Escola, respectivamente.

Figura 5- Núcleo de Arte Sacra. A musealização buscou conciliar o uso eventual do espaço com a finalidade de culto, bastando, para isso, preencher o espaço com mais bancos, em outra disposição



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

Mértola não saiu do meu imaginário até que eu pudesse voltar em 2006, após a frustração de ter adoecido na saída de Lisboa em 2001 e ter deixado de acompanhar a ida dos meus colegas de São Paulo. Fui mais uma vez sozinha, agora já morava de volta em Fortaleza, como profissional *freelancer*, e queria aperfeiçoar minha compreensão sobre o patrimônio conhecendo boas práticas e retornando a alguns lugares-chave de minha viagem de 1997. O retorno a Mértola me deu a oportunidade de conhecer novos núcleos museológicos, notadamente o Museu Islâmico, uma das maiores coleções da Europa. As pesquisas de Cláudio Torres permitiram mudar completamente a percepção das heranças da ocupação islâmica na Península Ibérica, associada então quase que exclusivamente à Espanha.

Mértola mudara bastante, posso dizer que entrara no circuito turístico europeu. Tanto que medidas de controle começavam a ser tomadas pelo governo municipal em concerto com o CAM para evitar impactos demasiado profundos. Foi criado um perímetro restrito dentro das muralhas no qual os

ônibus de turismo não podiam circular. Dificuldade decorrente: garantir a acessibilidade especialmente aos idosos e cadeirantes, em uma área de calçamento muito irregular. Outra medida que revela bem a dimensão da gestão do território atenta à sustentabilidade foi percebida nesse momento: turistas do norte da Europa começavam a adquirir casas antigas e arruinadas de Mértola para renová-las e transformá-las em casa de veraneio. O poder público se preocupava com o impacto de ter a cidade ocupada somente por temporadas e passou a adquirir as edificações para restaurar e transformar em residências para aluguel social ou para estudantes. Assim, garantiu que fossem ocupadas por uma população de renda mais baixa, mas não tão sujeita à sazonalidade. A pessoa que me guiava pelas ruas da vila me explicou: preferimos alguém que compre somente um pão por dia, mas que more aqui e movimente a economia o ano inteiro, a quem compra muito em um mês e deixa a casa vazia o resto do ano.

Nessa estada fiquei mais tempo. Pude me instalar em uma pousada, que não existia em 1997. Ali veio ter comigo o professor Cláudio Torres, que gentilmente me convidou a me transferir, após o primeiro dia, para uma casa de hóspedes recém-construída ao lado da sua. Mais uma vez foi uma estância de grande aprendizado, ainda mais que dessa vez pude conviver mais com a família de Cláudio Torres, filhos e netos. O professor em si, como da primeira vez, estava entre uma viagem e outra, sempre saindo para dar conferências em outros países. Guardo com carinho a lembrança das conversas com sua esposa Manuela Barros Ferreira¹³ e de uma deliciosa refeição de ovos com túbaras recém-colhidas pela família.

A experiência dessa vez incluiu também participar do início da escavação em um sítio arqueológico em Monte Mosteiro, um pequeno templo de cerca do século V-VI d. C. (DUARTE, 2017), juntamente com estudantes da escola profissional. Criada no ano letivo de 1992-1993, a Escola Profissional de Mértola era uma espécie de extensão da Escola Profissional Bento de Jesus

13 Especialista em filologia e uma das responsáveis pelo reconhecimento do mirandês como segunda língua oficial de Portugal.

Caraça¹⁴ e ministrava cursos de Técnico em Recuperação do Patrimônio Edificado, Técnico em Museografia Arqueológica, Técnico de Turismo Ambiental e Rural e Patrimônio Cultural – Gestão e Divulgação. A formação teórico-prática nessa escola permitia, por exemplo, aos alunos intervirem em edificações históricas de Mértola, responsabilizando-se por todo o projeto, “[...] desde a parte burocrática que implica a elaboração do projecto de recuperação, a sua submissão à aprovação da Câmara Municipal e ao parecer do IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico” (ABREU, 1999, p. 08). Nos dois últimos anos do curso, eles realizavam a intervenção propriamente dita utilizando as técnicas tradicionais. Os alunos inclusive experimentaram um processo similar no próprio terreno da escola, em que recuperaram uma Ermida e uma Necrópole Romana.

A escola trabalhava com formação profissional de três anos durante os quais não criava nova turma até formar o grupo de alunos. A iniciativa de criá-la fez parte de um plano para fixar os jovens em Mértola, visto o esvaziamento do território com as migrações para grandes cidades, e para atrair jovens de outros locais. Contar com uma escola como faceta de um projeto ambicioso e de longo prazo como o de Mértola significa ainda investir na sustentabilidade, visto que a experiência mostra que muitos processos de musealização amplos e ricos podem ser fragilizados com a passagem entre gerações, quando as pessoas que participaram no início começam a envelhecer e não há um grupo mais jovem interessado em dar continuidade. Assim, iniciativas como a escola, ao mesmo tempo em que atuam sobre a questão do esvaziamento populacional do território, podem fortalecer essa passagem entre gerações.

Minha terceira visita se deu em março de 2019, já como professora de Museologia da Universidade de Liège, juntamente com alunos do mestrado¹⁵. Na ocasião, ficamos quatro dias, mas, como sempre, quando se trata desse

14 A escola deixou de funcionar nesse formato em 2008, quando foi transformada em Escola Profissional ALSUD, no que parece ser um episódio controverso das políticas públicas ou do embate entre políticas locais e diretrizes nacionais.

15 *Master en histoire de l'art et archéologie orientation générale, finalité spécialisée en muséologie.*

tipo de museu “éclaté”, distribuído no espaço, polinucleado, esse tempo não foi suficiente para visitarmos todos os núcleos, então nos detivemos naqueles da zona urbana. Mais uma vez, a sensação de grandes mudanças. Pude me hospedar em um hotel que não existia antes e que me parece ser ao lado da pousada em que me hospedei em 2006. O Hotel Museu é surpreendente porque durante sua construção ocorreu

[...] a descoberta de várias casas do arrabalde ribeirinho levou à integração, nas estruturas do próprio hotel, de uma das casas do século XII d.C. marcada por sinais de cristianização em um contexto claramente islâmico de época almorávida e almóada. Um conjunto variado de objetos encontrados durante as escavações são expostos junto das estruturas arqueológicas. Se, na primeira fase, os donos do empreendimento olharam com reticências para os inconvenientes da integração dos vestígios arqueológicos, rapidamente perceberam as maisvalias deste projeto, tendo designado a unidade hoteleira de Hotel Museu. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 67).

Figura 6 - Núcleo sob o Hotel Museu, com ruínas de casas do século XII d. C.



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

O Posto de Informação Turística me pareceu mais estruturado, com folheteria em diversas línguas e alguma variedade de *souvenirs* para venda. Também o comércio privado me pareceu mais adaptado à demanda do turismo e com produtos destinados especialmente para esse público. Ao seu lado está a Casa de Mértola, a reconstituição do interior de uma pequena habitação que permite ao visitante compreender mais uma faceta dos modos de vida neste lugar:

São dois pequenos compartimentos onde até há pouco mais de trinta anos viviam o pai, a mãe e cinco filhos. Na cozinha, todos se juntavam para comer e nas duas camas do quarto, todos se apertavam para dormir. Sem contar alguns palacetes mais antigos e as casas dos comerciantes ricos da Rua do Muro, assim era a vida para os cerca de dois mil habitantes apertados pelas muralhas da cidade medieval. (GOMÉZ MARTÍNEZ; RAFAEL; TORRES, 2016, p. 67).

Ainda nas proximidades, conheci o núcleo museológico Ateliê de Tecelagem, que já comentei anteriormente. Esse núcleo mostra com clareza a relação existente nesse processo de musealização entre patrimônio arqueológico e o tempo presente. A tecelagem é um dos saberes e fazeres mais antigos da região, como comprovam as torres de roca dos séculos XI a XII feitas em osso e expostas nesse núcleo. Ao lado do material arqueológico podemos ver uma exposição de diversos tipos de instrumentos ligados ao trabalho com a lã, bem como seus produtos, especialmente as mantas. As duas tecelãs trabalham na oficina e ao mesmo tempo recepcionam e dialogam com o público, explicando as diferentes etapas entre o preparo da lã e o produto final, que também é comercializado ali.

Outros núcleos, como o Museu Islâmico e a Basílica Paleocristã, permanecem quase inalterados em relação a 2006. O Núcleo de Arte Sacra foi ampliado e a área do Castelo teve uma grande intervenção nas áreas ao redor

da torre, com uma preparação para acolher eventos que marcaram profundamente as características morfológicas desse espaço. A Igreja Matriz (antiga Mesquita) ganhou uma área de visitação no subsolo onde foram evidenciados alicerces antigos e outros elementos construtivos que permitem melhor compreender seus diferentes usos ao longo do tempo.

Figura 7- Núcleo da Basílica Paleocristã



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

Um núcleo que teve alterações significativas em sua gestão é a Forja do Ferreiro. Oficina desativada, ela apresenta ao visitante os instrumentos de trabalho do ofício de ferreiro, que gradualmente desapareceu do lugar. Trata-se do local original de trabalho do último ferreiro de Mértola, adquirido com todo seu recheio pela Câmara Municipal. Em 2006, sua filha, já idosa, que morava ao lado, era a responsável por atender ao público. Como em outros núcleos que não possuem horário de abertura permanente (caso também do núcleo de Arte Sacra), havia um aviso na porta sobre aonde se dirigir para pegar a chave ou conseguir acompanhamento para a visita. Era então essa senhora que abria e apresentava o núcleo. Posso imaginar que ela tenha falecido. O núcleo

está preparado agora com um guarda-corpo que permite ao visitante olhar seu interior sem entrar, e com painéis explicativos que apresentam as operações do trabalho do ferreiro e prescindir de um guia ou acompanhamento, enfim, do elemento humano. Não é a mesma coisa.

Outra área em que as pesquisas arqueológicas e a musealização avançaram muito foi a alcáçova. Nela convivem ruínas de um bairro islâmico do século XII-XIII e estruturas romanas do século IV d. C. Susana Gómez Martínez informou que foi a partir de 2009 que se instalou uma estrutura de coberturas para proteger os achados arqueológicos e passadiços que permitem a locomoção dos visitantes entre as ruínas. Em 2015, foi criado o seu centro de recepção de visitantes, incluindo a reconstituição em escala real de uma habitação, complementada pela exposição de artefatos de uso cotidiano encontrados nas escavações (GOMÉZ MARTÍNEZ, 2016).

Figura 8 - Área das escavações no bairro islâmico, com vista para as estruturas de passadiços preparadas para a visitaçào



Fonte: Foto de Manuelina Maria Duarte Cândido, março de 2019.

A própria sede do CAM, transformada em Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo, é também um ponto de visitação dos percursos em Mértola. Há laboratórios, biblioteca especializada aberta a consultas e espaços expositivos. É nesse espaço que haverá futuramente um núcleo museológico dedicado à Memória dos Sabores do Mediterrâneo. Optei aqui por não fazer uma descrição sistemática de cada um dos núcleos, mas registrar as impressões que alguns deles deixaram em mim em visitas que ocorreram, não todas ao mesmo tempo, pois algumas vezes não retornei, em uma visita posterior, a um núcleo que já conhecia, e não pude me atualizar sobre seu estado, priorizando conhecer outros. Há farta bibliografia dos próprios pesquisadores de Mértola sobre os diferentes núcleos, inclusive alguns dos textos já citados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de Mértola me ensina que esse tipo de processo de musealização que pensa o patrimônio de forma integrada possui um enorme potencial, mas é extremamente complexo para ser gerido. Exige de seus agentes múltiplas sensibilidades e capacidades técnicas que integrem diversos saberes, inclusive não só acadêmicos. São museus indisciplinados e absolutamente singulares, o que requer criar soluções originais mesmo quando seus agentes se cercam de referências em experiências semelhantes, mas nunca iguais. É difícil que as características centrais do projeto não se percam se a iniciativa e as escolhas não venham da própria população, mas de técnicos ou agentes externos, mesmo que validadas no local. Em Mértola, esses agentes foram, em determinado momento, externos. Mas pouco a pouco Cláudio Torres e família, além de alguns de seus alunos, foram se fixando em Mértola e enraizando-se ali. Isso garantiu uma continuidade e força de já mais de 40 anos. Hoje octogênio, o grande mestre do patrimônio de Mértola tem seguidores em diversas e estratégicas posições na cidade, que buscam assegurar a continuidade dos trabalhos e de sua filosofia mesmo em contextos político-partidários diversos.

Mas é evidente perceber a preocupação sobre o futuro para além dessa geração, hoje em torno de 40-60 anos.

Por isso não posso deixar de registrar uma anedota que mostra bem o espírito dessa equipe, mas que é um fato real. Quando retornei em 2006, perguntei por uma pessoa que conhecera em 1997 e que não havia encontrado na segunda visita, e Cláudio Torres comentou que a pessoa tinha parado por um tempo de fazer patrimônio para fazer matrimônio, o que é bom para Mértola também, ou seja, garante continuidade da ocupação do lugar. A preocupação em manter as pessoas em Mértola sempre foi central no projeto, de modo a proporcionar uma renovação populacional. Casar e ter filhos em/de Mértola era também considerado, de alguma maneira, um ganho para o projeto.

Essa história revela bastante da relação de Cláudio Torres e sua equipe em relação a Mértola e o porquê dos sucessos dessa experiência, malgrado das dificuldades e eventuais frustrações: o grupo abraçou essa terra como lugar onde fizeram suas vidas, não como um campo de trabalho sazonal. Dessa forma, estar ali fazendo patrimônio ou matrimônio não é questão hierarquizada (e nem mesmo excludente), pois se alguém não dá continuidade aos trabalhos, mas fica em Mértola, contribui para sua (re)existência, o que é tão importante quanto investigar e interpretar o patrimônio do passado, pois se trata de dar oportunidades para o futuro.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. **Escola Profissional Bento de Jesus Caraça**. Delegação de Mértola Abre Curso de Técnicos em Recuperação do Património Edificado. *In: Pedra & Cal – Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitetónico*, [s.l.], ano I, n. 03, p. 7-9, jul./ago./set. 1999. Disponível em: http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev03_Pag07.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

COELHO, A. P. “Cláudio Torres e Mértola”. *In: Público*, [s.l.], 21 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/04/21/jornal/claudio-torres-e-mertola-24369213>. Acesso em: 15 out. 2019.

DESVALLÉES, A. **Vagues**: une anthologie de la nouvelle museologie. Vol. 1. Paris: W. M. N. E. S., 1992.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. Trad. de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUARTE, J. F. M. **Sustentabilidade dos espaços rurais**: intervenções em Monte Mosteiro, Mértola. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

DUARTE CÂNDIDO, M. M. “O desafio de musealizar a paisagem cultural”. *In: Revista Museu*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/site/index.php/br/artigos/18-de-maio/242-o-desafio-de-musealizar-a-paisagem-cultural>. Acesso em: 15 out. 2019.

GOMÉZ MARTÍNEZ, S. “Mértola, Vila Museu. Un proyecto cultural de desarrollo”. *In: VAQUERIZO, D.; RUIZ, A. B.; DELGADO, M. (Eds.). Rescate: Del registro estratigráfico a la sociedade del conocimiento: el patrimonio arqueológico como agente de desarrollo sostenible. Tomo I. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, 2016, p. 269-286.*

GOMÉZ MARTÍNEZ, S.; RAFAEL, L.; TORRES, C. “Mértola Vila Museu: um projeto arqueológico de desenvolvimento integrado”. *In: Revista de Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 55-80, out. 2016.

MARTÍN PORTUGUÉS, I. Mértola Vila Museu. Modelo rural de difusión des patrimônio cultural. *In: Cuaderno de Investigación Urbanística*, Madrid, Instituto Juan de Herrera, n. 117, mar./abr. 2018. 80 p.

MEIJER-VAN MENSCH, L.; VAN MENSCH, P. From disciplinary control to co-creation – collecting and the development of museums as praxis in the nineteenth and twentieth century. *In*: PETTERSSON, S.; HAGEDORN-SAUPE, M.; JYRKKIÖ, T.; WEIJ, A. (eds.). **Encouraging collections mobility: a way forward for museums in Europe**. [S.l.]: Finnish National Gallery/ Erfgoed Nederland/Institut für Museumsforschung/Staatliche Museen zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, 2010.

RAFAEL, L. “Museus, turismo e desenvolvimento local o caso do Museu de Mértola”. *In*: **Revista de Museus**, [s.l.], n. 1, p. 150-165, 2018.

RAFAEL, L. “Os museus, a valorização patrimonial e o turismo – o caso do Museu de Mértola”. *In*: **Arrayollos – Revista de Cultura do Município de Arraiolos**, [s.l.], n. 1, p. 261-273, 2019.

RAFAEL, L.; PALMA, M. de F. O Museu de Mértola. *In*: CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA - CAM. **Mértola, da escavação ao Museu**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2016, p. 74-81.

TORRES, C. A Vila Museu e a Arqueologia. *In*: CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA - CAM. **Mértola, da escavação ao Museu**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2016a, p. 21-28.

TORRES, C. Da escavação arqueológica ao Museu. *In*: CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA - CAM. **Mértola, da escavação ao Museu**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2016b, p. 7-11.

TORRES, C. **Um projecto cultural de desenvolvimento integrado**. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Sem data de publicação. Disponível em: <http://www.camertola.pt/info/m%C3%A9rtola-vila-museu>. Acesso em: 16 out. 2019.

VIAL, A. **Patrimônio integrado e a prática museológica**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.